

LENDÔ À MARGEM: A MATERNIDADE LÉSBICA NOS QUADRINHOS DE *O ESSENCIAL DE PERIGOSAS SAPATAS*

Júlia Julieta Silva de Brito¹
Monaliza Barbosa Araújo²
Tássia Tavares de Oliveira³

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49588>

RESUMO: Este artigo investiga a maternidade lésbica na coletânea em quadrinhos *O essencial de Perigosas Sapatas* (2021), de Alison Bechdel, a partir da análise de três episódios em que as personagens Clarice e Toni enfrentam dilemas relacionados à homoparentalidade. A HQ foi publicada originalmente em jornais alternativos entre 1983 e 2008 e discute temas como maternidade, sexualidade, questões raciais e igualdade de direitos, articulando as vivências cotidianas das personagens com debates políticos mais amplos. O texto propõe contribuir para os estudos sobre quadrinhos e gênero, com ênfase na existência lésbica e na maternidade fora da norma heterossexual. Dessa forma, o texto propõe ampliar os estudos sobre quadrinhos e gênero, com ênfase à existência lésbica e à maternidade, apoiando-se em autoras que discutem experiências fora da norma heterossexual, como Rich (2010) com os conceitos de heterossexualidade compulsória, existência lésbica e *continuum* lésbico; Corrêa (2012) que analisa a maternidade lésbica; e Lorde (2009; 2019) através da intersecção entre raça, gênero e sexualidade. A proposta é contribuir com discussões sobre a linguagem gráfica e os estudos de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Alison Bechdel; histórias em quadrinhos; *Perigosas Sapatas*; maternidade lésbica; quadrinho *underground*.

READING ON THE MARGINS: LESBIAN MOTHERHOOD IN THE COMICS OF *THE ESSENTIAL DYKES TO WATCH OUT FOR*

ABSTRACT: This article investigates lesbian motherhood in the comic strip collection *The Essential Dykes to Watch Out For* (2021), by Alison Bechdel, through the analysis of three episodes in which the characters Clarice and Toni face dilemmas related to homoparenting. Originally published in alternative newspapers between 1983 and 2008, the comic addresses themes such as motherhood, sexuality, racial issues, and equal rights, intertwining the characters' everyday experiences with broader political debates. The text seeks to contribute to comics and gender studies, with an emphasis on lesbian existence and motherhood beyond the heterosexual norm. It draws on authors who explore experiences outside

¹ Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Especialista em Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: julia.julieta@estudante.ufcg.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5725-0738>.

² Mestranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: monaliza.barbosa@estudante.ufcg.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0856-7736>.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de Literatura na Unidade Acadêmica de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: tassia.tavares@professor.ufcg.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8705-1681>.

normative frameworks, such as Rich (2010), with the concepts of compulsory heterosexuality, lesbian existence, and the lesbian continuum; Corrêa (2012), who analyzes lesbian motherhood; and Lorde (2009; 2019), whose work articulates intersections of race, gender, and sexuality. The aim is to contribute to discussions on graphic language and gender and sexuality studies.

Keywords: Alison Bechdel; comics; *Dykes to Watch Out For*; lesbian motherhood; underground comix.

Introdução

No final da década de 60, o movimento *underground* ganha reconhecimento nos quadrinhos com a publicação de *Zap Comix*, de Robert Crumb, cuja primeira edição trazia o *slogan* “Somente para intelectuais adultos!” A mudança na grafia de *comics* para *comix* simboliza a tentativa de romper com o modelo convencional. Embora inovadores, os quadrinhos *underground* produzidos por homens muitas vezes exploravam temas como drogas e violência de forma misógina, retratando agressões contra mulheres com humor gráfico. Os quadrinhos produzidos por mulheres surgiram no contexto das HQs contraculturais por volta de 1970 e, até então, as HQs eram majoritariamente dominadas por homens, que excluíam sistematicamente as quadrinistas, “na medida em que não eram chamadas para colaborar nas revistas em circulação, ou antologias produzidas pelos autores do *underground*” (Medeiros, 2018, p. 82). Diante disso, Trina Robbins identificou as barreiras de gênero e criou uma organização de cartunistas mulheres.

Foi através da formação de coletivos femininos que as quadrinistas conquistaram espaço para tratar essas temáticas sob uma ótica própria, inserindo pautas feministas como aborto, estupro, menstruação e sexualidade, embora enfrentassem resistência e desvalorização. Sobre essa produção, Chute (2010, p. 14) afirma “é aqui que vemos o trabalho – adulto, identitário, experimental, confessional – que criou as possibilidades para o cenário diversificado dos quadrinhos de hoje e é aqui que vemos pela primeira vez as mulheres usando os quadrinhos como forma de expressão pessoal”.

Apesar do cenário excludente, o movimento *underground* foi importante para a formação artística e política das cartunistas, que encontraram nos quadrinhos um meio de expressão pessoal e coletiva. Como destaca Medeiros (2018, p. 77), “no que se refere à busca de espaço através de uma articulação coletiva, as autoras de *comix* underground são pioneiras, abrindo importantes caminhos para as mulheres quadrinistas”, de modo que coletivos como *It Ain't Me Babe* (1970) e *Wimmen's Comix* (1972–1992) garantiram liberdade criativa às autoras, que abordaram temas como “traição masculina, feminismo, a situação das mulheres no trabalho, psicodelia, amor, desigualdade social e assédio sexual” (Medeiros, 2018, p. 89).

Entre os trabalhos influenciados por esse cenário, destaca-se *Dykes to Watch Out For*, de Alison Bechdel, publicado em jornais alternativos norte-americanos. A série de Bechdel estreou em 1983 no *WomaNews*, jornal feminista da época, onde passou a publicar tiras quinzenais. Esses espaços alternativos permitiram que Bechdel abordasse temas contemporâneos ao momento da publicação, estabelecendo um diálogo com o feminismo e a

cultura *queer*. A partir disso, a coletânea da HQ chega ao Brasil em 2021, pela editora Todavia e com tradução da Carol Bensimon, intitulada de *O essencial de perigosas sapatas*. A obra é um escopo da vida de um grupo de mulheres lésbicas dos Estados Unidos, e se estende dos anos 1987 a 2008, onde cerca de vinte e dois personagens diferentes são desenvolvidos na HQ, com o intuito de mostrar as especificidades de indivíduos da comunidade LGBTQIAPN⁴.

A autora pretendia trazer a naturalidade do cotidiano do grupo de mulheres lésbicas, para além das grandes questões. Na obra, são apresentados assuntos particularizados da vida cotidiana das protagonistas, como maternidade, relacionamentos amorosos e amizade. Ao lado dessas temáticas, também percebemos outros debates: vegetarianismo, transexualidade, igualdade dos direitos e questões raciais, de modo que esses aspectos estão entrelaçados na rotina das perigosas sapatas, pois a série percorre entre o pessoal e o político. Nesse sentido, nesse texto focamos nas temáticas da existência lésbica e da maternidade presente na coletânea em quadrinhos.

Assim, constatamos que a maternidade, sobretudo a lésbica, ainda é um tema pendente no campo do feminismo e recente nos estudos acadêmicos, especialmente no que se refere aos registros literários. Nesse contexto, o caráter político, literário e representativo da referida história em quadrinhos motiva sua análise, com o intuito de ampliar as pesquisas sobre a linguagem dos quadrinhos e os estudos de gênero e maternos. A partir disso, esse artigo tem o objetivo de analisar a maternidade lésbica presente nos quadrinhos de *O essencial de perigosas sapatas* (2021), de Alison Bechdel, por meio de três episódios onde as personagens Clarice e Toni enfrentam dilemas relacionados a homoparentalidade.

Quanto ao nosso aporte teórico, este está estruturado em autoras que problematizam os vínculos entre mulheres lésbicas e a maternidade fora da norma heterossexual, como Adrienne Rich (2010) que propõe os conceitos de heterossexualidade compulsória, existência lésbica e *continuum* lésbico. Além dessa, Maria Eduarda Cavadinha Corrêa (2012), que discute como mulheres lésbicas ressignificam a maternidade, desafiando os modelos familiares tradicionais; Audre Lorde (2009), a qual traz uma perspectiva interseccional ao relatar sua vivência como mãe lésbica negra, evidenciando os atravessamentos entre raça, gênero e sexualidade. E, então, Kathryn Almack Pies (1989), que aborda os estigmas enfrentados por lésbicas que escolhem a maternidade e o planejamento consciente envolvido nesse processo.

Para isso, o presente artigo está organizado nas seguintes seções: a primeira, intitulada “A maternidade enquanto lugar de existência lésbica”, de caráter mais teórico, aprofunda-se nas questões discutidas por autoras como Rich (2010) sobre maternidade lésbica e *continuum* lésbico; Corrêa (2012), que ressignifica a maternidade entre mulheres lésbicas; e Lorde (2009), que destaca os entrelaçamentos entre as categorias de raça, gênero e sexualidade. A segunda, intitulada “Parentalidade lésbica nos quadrinhos”, traz uma análise da maternidade lésbica na coletânea em quadrinhos *O Essencial de perigosas sapatas* (2021), de Alison Bechdel, focando em três episódios em que as personagens Clarice e Toni enfrentam dilemas relacionados à

⁴ Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexual/Polissexual, Não-binárias e mais.

homoparentalidade. Por fim, apresentamos as considerações finais, que englobam os últimos apontamentos sobre as discussões levantadas ao longo do artigo.

1. A maternidade enquanto lugar de existência lésbica

Esta seção se concentra nas discussões sobre a existência lésbica, explorando a representação histórica de mulheres lésbicas em HQs. Dessa maneira, partimos dos conceitos formulados por Adrienne Rich (2010) sobre o *continuum* lésbico, a heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Segundo a autora, sua proposta busca “desafiar o apagamento da existência lésbica de boa parte da literatura acadêmica feminista” (Rich, 2010, p. 19). Para a teórica, o controle sobre os corpos das mulheres evidencia o reforço da heterossexualidade como instituição normativa.

Por meio dessa perspectiva, Rich elabora o conceito de heterossexualidade compulsória, bem como sua contrapartida, o *continuum* lésbico. O entendimento dos termos *continuum* lésbico e existência lésbica são essenciais para este trabalho, visto que sugere que a primeira deve ser compreendida em um sentido mais amplo, desde o cuidado na amamentação entre mãe e filha até relações de amizade e solidariedade. Assim, o *continuum* lésbico não exige, necessariamente, a vivência de experiências afetivo-sexuais entre mulheres para ser reconhecido. Nesse sentido, Rich afirma:

Optei por usar o termo existência lésbica e *continuum* lésbico porque o termo lesbianismo tem alcance limitado e clínico. Existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência. Entendo que o termo *continuum* lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher (Rich, 2010, p. 35).

A autora considera a possibilidade de que todas as mulheres fazem parte de um *continuum* lésbico, já que o afeto e a conexão entre mulheres podem se expressar de múltiplas maneiras. O conceito fundamenta-se nas experiências e identificações de trocas mútuas e autênticas entre mulheres ao longo de suas vidas, que são a base do conceito desenvolvido por ela na medida que pretendia “abrir muito mais formas de intensidade primária [...] dar e receber de apoio prático e político” (Rich, 2010, p. 36). Diante do exposto, o conceito surge como um espaço de alianças entre mulheres lésbicas, no qual é possível explorar dimensões prazerosas, eróticas e criativas da existência, fazendo da existência lésbica um ato de resistência à imposição da heterossexualidade enquanto instituição normativa.

A pesquisadora aponta que as instituições por meio das quais as mulheres são tradicionalmente controladas — como a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear e a heterossexualidade compulsória — têm sido sustentadas por mecanismos legais, discursos religiosos, representações midiáticas e práticas de censura (Rich, 2010). Nesse cenário, algumas expressões do poder masculino se tornam mais visíveis que outras, como o reforço da heterossexualidade sobre as mulheres, que, segundo Rich, “têm sido

convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios” (Rich, 2010, p. 26).

A tese de doutorado intitulada *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade* (2012), Maria Eduarda Cavadinha Corrêa, segue a mesma linha ao investigar as concepções sobre parentalidade de mulheres lésbicas, as políticas públicas brasileiras voltadas para essa população e os significados atribuídos à maternidade. A pesquisa evidencia a diversidade de experiências e formas de organização familiar, contribuindo para a compreensão dos múltiplos arranjos possíveis entre mulheres. Na contemporaneidade observa-se um processo de desnaturalização do conceito de família, à medida que “as relações de afeto estão se sobrepondo ao fator biológico. Entretanto, o discurso que ainda predomina no campo do direito, enquanto legitimador desses novos arranjos familiares é o da ‘normalidade’. E é nesse contexto que a homossexualidade aparece à parte da norma” (Corrêa, 2012, p. 43).

A autora parte do pressuposto de que a maternidade pode compor os projetos de vida de mulheres lésbicas, assumindo diferentes implicações conforme as dinâmicas familiares no contexto brasileiro contemporâneo. O reconhecimento dessas vivências transforma esse tema da maternidade lésbica em uma questão não apenas cultural, mas também política, ao afirmar que “as famílias homoparentais deixaram de ser invisíveis na bibliografia de referência sobre família e parentesco em sociedades contemporâneas, fazendo com que o parentesco se torne, além de uma questão cultural, uma questão política” (Corrêa, 2012 p. 42). Esse tema passa a conquistar, progressivamente, maior visibilidade e legitimidade social, à medida que as instituições estão em constante transformação. Além disso, “a experiência social da homoparentalidade desafia a heteronormatividade implícita no domínio da família e do parentesco” (Corrêa, 2012 p. 42).

Socialmente, essa questão é vista como uma contradição, pois espera-se que as mulheres sejam mães, mas não lésbicas, dado que “o estigma associado à homossexualidade prescreve que lésbicas são pessoas que não tem ou não desejam ter filhos” (Corrêa, 2012). No âmbito jurídico, Corrêa (2012) destaca a ausência de respaldo legal que garanta proteção às famílias homoparentais, o que as deixa em situação de vulnerabilidade. No contexto das políticas públicas brasileiras, observa-se ainda a escassez de programas que atendam às necessidades e especificidades das mulheres lésbicas, o que contribui para o aprofundamento das discriminações já enfrentadas por esse grupo.

Audre Lorde traz para a discussão a parentalidade lésbica de mulheres negras, na obra *I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde* (2009). A poeta discute o entrelaçamento entre teoria e experiência pessoal na parentalidade lésbica de mulheres negras no contexto de 1980, período em que famílias fora do modelo normativo não eram visibilizadas. Lorde se posiciona a partir da urgência em ser “lésbica e uma mulher negra afro-caribenha

americana, enraizada na América branca, racista, sexista e homofóbica”⁵ (Lorde, 2009, p. 75; tradução nossa, bem como as demais ao longo do artigo).

No recorte em questão, é evidenciada a construção da experiência familiar a partir de uma consciência crítica das dinâmicas de poder de uma sociedade hegemônica branca, reconhecendo a distinção social, identidade política e resistência cotidiana que estruturam a existência de mães lésbicas negras. Lorde (2009) detalha que seu núcleo familiar não precisava seguir os moldes tradicionais para ser legítima, já que essas mulheres sofrem uma dupla opressão — por serem negras e lésbicas. A autora ressalta a importância dos vínculos com outras lésbicas, como fonte de apoio essencial “nos momentos em que alguma brecha aparentemente intransponível nos deixou sentindo isoladas e sozinhas como mães lésbicas. Outra fonte de apoio e conexão veio de outras mulheres negras que estavam criando filhos sozinhas”⁶ (Lorde, 2009, p. 79). Essa afirmação evidencia a centralidade da luta coletiva e interseccional no cotidiano desses sujeitos, revelando como as redes de solidariedade entre lésbicas e mães negras são fundamentais para resistir às múltiplas formas de marginalização impostas pela sociedade.

No que se refere ao artigo *Lesbians and the Choice to Parent* (1989), a professora da Universidade de Hertfordshire, Kathryn Almack Pies, afirma que a escolha de lésbicas por vivenciarem a maternidade suscita uma série de questionamentos. Ela reflete sobre o que pode ser caracterizado como atitudes homofóbicas, reforçadas por questionamentos como “Por que as lésbicas querem ter filhos?” e “Como elas farão isso?”, já que raramente é “perguntado a uma mulher heterosexual e seu parceiro que escolhem se tornar pais. No entanto, espera-se que lésbicas respondam a elas, de forma articulada e convincente”⁷ (Pies, 1989, p. 137). Ademais, as famílias que as lésbicas estão construindo são denominadas de alternativas ou não tradicionais.

A autora explica que é difícil evitar a “homofobia internalizada em uma cultura que assume que todos são heterossexuais e busca perpetuar atitudes e mitos negativos sobre lésbicas”⁸ (Pies, 1989, p. 140). Um exemplo marcante dessa dinâmica são os constantes esforços da mídia e de instituições religiosas em reduzir a comunidade *queer* a estereótipos ou representações hipersexualizadas. Nesse contexto, “para as lésbicas, a decisão de se tornar mãe requer uma quantidade considerável de planejamento e coordenação [...] há uma série de perguntas complexas e escolhas de busca da alma que devem ser revisadas e discutidas”⁹ (Pies,

⁵ Original: “Lesbian and a Black African Caribbean american woman staked out in white racist sexist homophobic america” (Lorde, 2009, p. 75).

⁶ Original: “Those times when some apparently insurmountable breach left us feeling isolated and alone as Lesbian parents. Another source of support and connection came from other Black women who were raising children alone” (Lorde, 2009, p. 79).

⁷ Original: “Rarely, if ever, asked of a heterosexual woman and her partner choosing to become parents. Nevertheless, lesbians are expected to answer them, articulately and convincingly (Pies, 1989, p. 137).

⁸ Original: internalized homophobia in a culture that assumes everyone is heterosexual and seeks to perpetuate negative attitudes and myths about gay men and lesbians” (Pies, 1989, p. 140).

⁹ Original: “For lesbians, the decision to become a parent requires a considerable amount of planning and coordination (...) there are a series of complex questions and soul searching choices which must be reviewed and discussed” (Pies, 1989, p. 139).

1989, p. 139). Decidir ser mãe parte de uma escolha consciente para mulheres lésbicas, raramente acontece por acidente e, muitas vezes, é um empreendimento cuidadosamente orquestrado, com atenção as considerações pessoais, sociais, psicológicas, éticas e práticas, de modo que as preocupações divergem para cada lésbica ou casal (Pies, 1989).

Portanto, refletir sobre a maternidade lésbica, como foi discutido ao longo dessa seção, esmiúça as questões que giram em torno da maternidade lésbica e suas implicações ao deslocar noções cristalizadas de família, raça, gênero e sexualidade, revelando o quanto essas experiências desafiam normas heterocisnormativas ainda enraizadas na sociedade. Reconhecer essas vivências é fundamental não apenas para legitimá-las, mas também como uma possibilidade de transformação social, isto é, um ato político que reivindica o direito à existência plena, ao cuidado, ao afeto e à agência reprodutiva em contextos que historicamente negaram tais prerrogativas às mulheres que fogem da norma heterossexual. Além disso, oportuniza a enunciação literária de tais temáticas nas mais diversas gêneros, mais especificamente nas HQs que constituem o objeto deste trabalho.

2. Parentalidade lésbica nos quadrinhos

Nesta seção, examinamos a representação da maternidade lésbica nos quadrinhos de *O essencial de Perigosas Sapatas* (2021), de Alison Bechdel. Para isso, selecionamos três tirinhas que destacam os desafios enfrentados pelas personagens Clarice e Toni em questões relacionadas à maternidade lésbica, à institucionalização da parentalidade e ao reconhecimento familiar. Na primeira tirinha, ambas visitam separadamente suas famílias para anunciar que terão um filho; a segunda aborda o processo de adoção e apresenta Alexis, advogada responsável pelo caso, destacando os obstáculos legais enfrentados por casais lésbicos; e por fim, a terceira tirinha mostra a visita da família de Toni para conhecer Raffi, o filho do casal, momento que evidencia as negociações em torno do pertencimento e da legitimidade da maternidade lésbica.

No que se concerne à lesbofobia dentro da comunidade negra, Lorde (2019) denuncia que as lésbicas são frequentemente usadas como “isca” para desviar a atenção das reais questões de racismo e machismo. Ela afirma que, ao tentar criar laços de solidariedade feminista com mulheres não negras, as lésbicas negras enfrentam ataques e ameaças de violência. Também destaca que, ao invés da comunidade negra direcionar a energia para enfrentar suas verdadeiras necessidades, muitas vezes essa energia é desperdiçada em uma histeria contra as lésbicas (Lorde, 2009). A respeito da lesbofobia enfrentada por mulheres negras e lésbicas, o *layout Nada como nosso lar*, veiculado originalmente em 1992, apresenta as personagens Toni e Clarice que, durante os primeiros anos de publicação de *O essencial de perigosas sapatas* (2021), planejaram ter um bebê por inseminação intrauterina. Depois de algumas tentativas, elas finalmente conseguem. O próximo passo seria contar a novidade para seus parentes, e, na véspera de Ano Novo, elas se reúnem com seus respectivos familiares para compartilhar a notícia:

FIGURA 1



Fonte: Bechdel (2021, p. 96)

O quadrinho acima estabelece uma relação direta com a teoria de Audre Lorde (2009) ao enfatizar que lésbicas são afetadas por uma interseção de opressões que vão além do machismo e racismo, incluindo a lesbofobia. No caso de Toni e Clarice, suas experiências familiares demonstram essas situações de violência. Toni sofre lesbofobia de maneira explícita, visto que a reação negativa de seus pais, especialmente a comparação feita pelo pai com a prima Carmem e o desconforto gerado pela palavra “lesbiana”, ilustra a dificuldade de aceitação das identidades não heteronormativas dentro de uma comunidade conservadora. A atitude de sua mãe, que prefere acreditar que Toni está grávida de um homem desconhecido a aceitar sua identidade lésbica, ecoa as críticas de Lorde (2009) sobre como a lesbofobia é usada para desviar a atenção das questões de racismo e machismo, tornando as mulheres lésbicas uma “isca” para apagar os focos de luta.

Visualmente, as expressões corporais de Toni são reveladoras na primeira fileira da tirinha. Ela está inclinada para frente, com os braços cruzados, o que evidencia um certo desconforto em sua expressão facial. Através da sucessão de tiras, percebe-se que, em vez de sua família ser uma rede de apoio, ela reproduz práticas lesbofóbicas e machistas. A sucessão de imagens evidencia um salto na narrativa e leva o leitor para a família de Clarice. Da mesma forma, as reações de sua família são conservadoras, uma vez que sua mãe, ao rejeitar a ideia de

ter um neto, despreza a autonomia de Clarice sobre sua própria vida, também reforça a heteronormatividade. Nesse contexto, a postura de não aceitar a relação de Clarice com uma mulher, mesmo diante da possibilidade de um filho através da fala “o filho ilegítimo da sua amiga que mora com você não vai ser meu neto!” (Bechdel, 2021, p. 96), reflete um comportamento de sujeitos que buscam definir quem pode ou não constituir uma família.

A respeito do racismo e da lesbofobia enfrentados por mulheres negras e lésbicas, Audre Lorde considera que “a lésbica negra tem sofrido crescentes ataques tanto de homens negros quanto de mulheres negras heterossexuais” (Lorde, 2019, p. 62). Segundo a autora, assim como a autodeterminação de uma mulher negra não representa uma ameaça para a autodeterminação de um homem negro, a presença de uma lésbica negra só se torna uma ameaça emocional para aquelas mulheres negras que enfrentam dificuldades em relação aos próprios sentimentos de afinidade e amor por outras mulheres negras.

A segunda tirinha selecionada, intitulada *Cão farejador*, foi publicada em 1996: Raffi é uma criança, e as protagonistas iniciam o processo de adoção para que Clarice obtenha os direitos legais de guarda equivalentes aos de Toni. Nesse sentido, é introduzida uma nova personagem, a advogada especialista em parentalidade, Alexis. É importante ressaltar um acontecimento que antecede a Figura 2, pois é a descoberta dos pais de Toni, acerca de sua família homoparental, em que ela acredita que seus pais levarão o seu filho. A partir disso, Toni e Clarice dão início ao processo de adoção, pois, mesmo sendo mãe de Raffi, Clarice não possui nenhum respaldo legal sobre a criança.

Cavadinha Corrêa (2012) afirma que as mães lésbicas, sobretudo aquelas que não passaram pela gestação, enfrentam diversos obstáculos legais e sociais, os quais se manifestam em interações cotidianas com instituições, profissionais de saúde, escolas, órgãos públicos e até com familiares. Essa inquietação parte de Toni, que, em diversos momentos da narrativa, toma a iniciativa quanto à formalização da parentalidade, ao defender a importância de garantir amparo jurídico à família. Sua postura reflete uma preocupação enraizada em vivências históricas de marginalização que silenciaram e excluíram mulheres lésbicas, não-brancas e mães.

Na tirinha *Cão Farejador*, Bechdel apresenta uma cena cotidiana em que Carlos, figura masculina responsável pelo cuidado de Raffi, sai com a criança para que Toni e Clarice possam se reunir com a advogada Alexis. A chegada da advogada, acompanhada de seu cachorro, marca uma mudança no tom da narrativa: o ambiente íntimo e familiar cede lugar à tensão provocada pela formalidade jurídica. Toni começa a demonstrar desconforto com a presença e o comportamento da advogada, sinalizando a fricção entre o espaço doméstico e as exigências das instituições legais. Nesse cenário, Bechdel evidencia o estranhamento diante das categorias disponíveis para reconhecer vínculos afetivos não normativos, quando Alexis sugere descrições como “madrasta, padrasto, sem parentesco, outro relacionamento” (Bechdel, 2021, p. 159), para designar a relação entre Clarice e Raffi, relegando a maternidade de Clarice à categoria de “outro”.

FIGURA 2



Fonte: Bechdel (2021, p. 159).

Embora Alexis seja uma advogada especialista em parentalidade e adoção, este é seu primeiro caso envolvendo um casal de mulheres lésbicas, visto que, quando Toni pergunta quantas vezes ela já atuou em processos familiares, Alexis responde que participou de várias adoções, mas nenhuma envolvendo uma família homoparental. No momento que Clarice e Toni descobrem que são as primeiras mulheres lésbicas a passar por esse processo com essa advogada, elas reagem com desconforto através da anatomia expressiva (Eisner, 1989). Além disso, a pergunta “não é empolgante?” (Bechdel, 2021, p. 159) proferida por Alexis contrasta com a vulnerabilidade a que as protagonistas estão submetidas.

Essa cena ressoa com as reflexões de Lorde (2019), pois questiona os modelos normativos de família e os limites impostos sobre quem pode ser reconhecido como sujeito legítimo dentro dessas estruturas — experiência que ecoa nas trajetórias de Clarice e Toni. Lorde (2019) reflete sobre a experiência de construir uma família que fugia aos padrões hegemônicos, destacando que, embora sua vivência como mães lésbicas e negras em um contexto conservador as tornasse diferentes da maioria das famílias, isso jamais invalidou sua existência familiar. Ao contrário, foi justamente a exploração dessas diferenças que fortaleceu seus vínculos e impulsionou seus processos de aprendizagem e resistência no cotidiano.

Ao mencionar que não precisavam ser como todas as famílias para serem válidas, Lorde (2019) subverte e reivindica o reconhecimento de sua família lésbica interracial. De forma semelhante, Clarice e Toni expõem as dificuldades de viver uma parentalidade lésbica em um sistema que as posiciona como exceção. Rich, ao fazer uma análise da maternidade enquanto instituição, explica que uma de suas motivações para a escrita da obra fora “a desvalorização das mulheres em outras esferas e as pressões das mulheres para se validarem na maternidade mereciam ser exploradas”¹⁰ (Rich, 1986, p. ix), uma vez que ela pretendia examinar a maternidade “em um contexto social, como inserida em uma instituição política: em termos feministas”¹¹ (Rich, 1986, p. ix).

O questionário apresentado pela advogada revela um mecanismo de apagamento das relações homoafetivas, ao não contemplar uma opção que reconheça a existência de duas mães. A HQ, ao retratar Clarice e Toni como figuras maternas em igualdade de condições, tensiona os modelos tradicionais de família e as normas de gênero. Ainda assim, evidencia-se que a invisibilidade da família homoparental ainda é geradora de uma série de implicações que “podem acompanhar tal família desde o seu planejamento até sua dinâmica cotidiana: entre o casal; com os filhos; com a família de origem; e com a sociedade de um modo geral” (Pontes, 2011, p. 13). No entanto, ao introduzir personagens externos ao núcleo principal da série, Bechdel mostra como essas configurações familiares não são reconhecidas.

A tirinha *In Loco Parentis*, publicada em 1996, Bechdel retrata a visita dos pais de Toni à casa onde ela vive com Clarice, revelando o desconforto que permeia o encontro. O julgamento e as falas carregadas de preconceito por parte dos pais de Toni deixam claro o repúdio tanto à relação homoafetiva da filha quanto à possibilidade de duas mulheres criarem uma criança. Para eles, Raffi deveria ser criado por uma “família de verdade” (Bechdel, 2021, p. 164), expressão que reforça a visão hegemônica e excluente da família heteronormativa. A narrativa escancara como a maternidade lésbica é alvo de estigmas e deslegitimada por desafiar os padrões estabelecidos; como aponta Collins (2019), mulheres lésbicas são socialmente marcadas como desviantes por não corresponderem às expectativas normativas de sexualidade e família.

¹⁰ Original: “It seemed to me that the devaluation of women in other spheres and the pressures on women to validate themselves in maternity deserved exploration. I wanted to examine motherhood” (Rich, 1986, p. ix).

¹¹ Original: “In a social context, as embedded in a political institution: in feminist terms” (Rich, 1986, p. ix).

FIGURA 3



Fonte: Bechdel (2021, p. 164)

A partir da linguagem verbal, enquanto as personagens esperam no aeroporto, Toni demonstra estar nervosa com a chegada dos pais, e Clarice tenta tranquilizá-la ao dizer que seus pais a amam e que ela é quem devia se preocupar já que é “a demônia devassa que realiza atos inomináveis com a filha deles” (Bechdel, 2021, p. 164). Diante dessa perspectiva, observamos a representação da homossexualidade como perversão (Navarronswain, 2016), embasada “em convicções religiosas através da autodenominação de Clarice influenciada pela forma como seus sogros a veem” (Silva, 2022, p. 55).

Por meio de uma conversa no âmbito doméstico, os pais de Toni demonstram que não consideram Clarice parte da família, principalmente ao afirmar que não concordam com o “estilo de vida” (Bechdel, 2021, p. 164) delas e que esperam que Toni retorne para casa deles,

com a finalidade de que Raffi possa crescer em uma “família de verdade” (Bechdel, 2021, p. 164). Rich (2010), afirma que a ideia de heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres, de modo a apagar a existência lésbica no pensamento feminista e no entendimento geral das relações de gênero na sociedade. Para as mulheres, a heterossexualidade não pode ser uma “preferência”, “mas algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força, o que é um passo imenso a tomar se você se considera livremente heterosexual ‘de modo inato’” (Rich, 2010, p. 35).

Rich (1979, p. 202), por sua vez, explica que o processo de nomear é “um alcance de nossa experiência e uma chave para a ação. A palavra lésbica deve ser afirmada, pois descartá-la significa colaborar com o silêncio e a mentira em relação a nossa real existência; com o jogo fechado, a criação do inexpressível”¹². Nesse panorama, Clarice é excluída da conversa, como se a sua presença e opinião não fossem válidas, o que se comprova quando o pai de Toni exprime “Clarice, isso não tem a ver com você. Apenas não é certo criar um menino nesse tipo de situação” (Bechdel, 2021, p. 164), ou ainda quando questiona “Seu filho? O que faz ele ser seu, eu gostaria de saber?” (Bechdel, 2021, p. 164).

Consoante Hollanda (2019, p. 185) “a família nuclear patriarcal, estruturada pela dicotomia entre o público e o privado e acompanhada pela ideologia burguesa branca de separação entre a esfera pública e a privada e pelo feminismo burguês anglo-americano do século”. Apoiado no exposto, a maternidade de Clarice não é reconhecida pelos pais de Toni, dado a ausência de parentesco biológico e à lesbofobia, já que ela não se adequa a instituição da maternidade que foi historicamente moldada por uma estrutura normativa que privilegia a branquitude, a heterossexualidade e a reprodução biológica, além de que suas concepções são fundamentadas em “um referencial tradicional e essencialista de maternidade, segundo o qual a mãe biológica prevalece sobre qualquer outro tipo de mãe” (Souza, 2005, p.195).

As lésbicas identificaram o heterossexismo como forma de opressão, e as questões que enfrentam em comunidades homofóbicas modificam a maneira como interpretam os acontecimentos cotidianos (Collins, 2019). Destarte, quando ampliamos o pensamento binário no qual se apoiam as opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade, notamos que a heterossexualidade é justaposta à homossexualidade como seu “outro” oposto, diferente e inferior (Collins, 2019). Portanto, o comportamento dos avós de Raffi comprovam o apagamento da relação entre as duas mulheres e do vínculo entre Clarice e Raffi, de maneira que quando a conversa ultrapassa o limite, Toni, mantendo uma coerência com posicionamentos expressos em tiras anteriores, retira Raffi do ambiente, já que ela não quer que o filho cresça ouvindo comentários preconceituosos.

¹² Original: a grasping of our experience and a key to action. The word lesbian must be affirmed because to discard it is to collaborate with silence and lying about our very existence; with the closet-game, the creation of the unspeakable.

Conclusão

A análise das três tirinhas selecionadas da obra *O essencial de Perigosas Sapatas* (2021) deu margem para explorarmos a experiência de Clarice e Toni na maternidade lésbica, que ocorre por meio de diferentes formas de opressão, como sociais, familiares e institucionais, que colocam em questão sua legitimidade enquanto figuras de cuidado e esposas. Com base na análise, constatamos que a obra de Bechdel propõe a construção de um cotidiano que foge dos modelos normativos de família, sem recorrer à idealização ou ao apagamento das dificuldades enfrentadas por mulheres que não se encaixam nas expectativas impostas pela heterossexualidade compulsória.

As situações narradas, através da intersecção dos recursos gráficos e verbais, ilustram como o afeto entre mulheres e a parentalidade compartilhada seguem sendo questionados no campo jurídico e nas relações familiares. Ao discutir tais experiências, a cartunista corrobora com um modo de representar as vidas lésbicas, reafirmando o lugar das HQs como uma linguagem relevante para os estudos de gênero, sexualidade e parentalidades, sobretudo, ao ampliar as leituras sobre maternidade e formas de existência familiar que não se enquadram nas normas tradicionais.

O domínio de Bechdel na narrativa sequencial e sua estética verbo-visual se afirmam em *Perigosas Sapatas* (2021), obra que representa com veracidade a vida de mulheres lésbicas. Nesse sentido, os recursos da linguagem quadrinística são empregados de forma a transmitir emoções e sentidos às cenas, através dos espaços delimitados e da expressividade das personagens, que revelam intenções, enquanto a escolha pelo preto e branco remete às limitações de impressão dos jornais alternativos em que os quadrinhos circularam. Além disso, o uso frequente de planos gerais e médios organiza o panorama da ambientação e destaca o cotidiano das personagens, evidenciando as relações entre mulheres.

No que se refere ao enredo, a obra também se dedica à representação da existência lésbica e da maternidade. O casal interracial formado por Toni e Clarice permite abordar discussões sobre casamento entre mulheres, lesbofobia de origem familiar e os procedimentos legais da adoção, compondo uma narrativa que amplia a visibilidade das experiências lésbicas. Assim, a construção dessas personagens reforça o compromisso de Bechdel em resistir às normas heteronormativas e em propor uma representação de escopo mais amplo, sobretudo ao tratar da parentalidade lésbica e da formação de famílias que escapam aos modelos convencionais.

Nesse processo, a cartunista mobiliza marcadores culturais que dialogam com estereótipos e expectativas sociais. Toni é apresentada como filha de uma família porto-riquenha católica, pressionada por tradições familiares e atravessada por vulnerabilidades emocionais e financeiras. Clarice, em contraste, não se restringe a categorias raciais, engajando-se sobretudo em pautas ambientais, embora também dialogue com questões de raça. Dessa forma, a cartunista insere elementos de diferença e desigualdade dentro da própria dinâmica do casal, sem reduzir as personagens a papéis fixos. Portanto, buscamos abordar a referida HQ enquanto mídia cultural e política permeada pela temática da maternidade e existência lésbica.

Referências

- BECHDEL, Alison. *O essencial de Perigosas Sapatas*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2021.
- CHUTE, Hillary. *Graphic women: life narrative and contemporary comics*. New York: Columbia University Press, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CORRÊA, Maria Eduarda Cavadinha. *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade*. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002278361>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução de Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LORDE, Audre. Turning the beat around: lesbian parenting. In: BYRD, Rudolph P.; COLE, Johnnetta Betsch; GUY-SHEFTALL, Beverly (ed.). *I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde*. New York: Oxford University Press, 2009. p. 73–80.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. BH: Autêntica Editora, 2019.
- MEDEIROS, T. S. Psicodelia, humor e militância: os coletivos de mulheres quadrinistas no comix underground norte-americano. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 76–103, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.42103>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/42103>. Acesso em: 8 jun. 2024.
- NAVARROSWAIN, Tania. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. *Esboços*, Florianópolis, v. 23, n. 35, p. 11-24, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p11/32477>. Acesso em: 08 mar. 2025.
- PIES, C. A. Lesbians and the choice to parent. *Marriage & Family Review*, New York, v. 14, n. 3–4, p. 137–154, 1989. DOI: https://doi.org/10.1300/J002v14n03_07. Acesso em: 20 out. 2024.
- PONTES, Mônica Fortuna. *Desejo por filhos em casais de mulheres: percursos e desafios na homoparentalidade*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2011_734992e80356b24f4679b85f0d2e58e9.pdf. Acesso em: 08 dez. 2024.

RICH, Adrienne. *Of woman born: motherhood as experience and institution.* New York: Norton, 1986.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SILVA, Brenda Caroline Santos da. *Perigosas sapatas: uma análise do uso de quadrinhos em jornais como ferramenta de visibilidade a questões da comunidade lésbica.* 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/6092/1/BrendaCarolineSantosdaSilva.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOUZA, Érica Renata de. *Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade.* 2005. 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2004.327818>. Acesso em: 27 maio 2025.

Data de submissão: 26/07/2025
Data de aceite: 09/09/2025